



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS  
CAMPUS XVIII**

GABRIELA FERREIRA LOURÊDO

*MALLEUS MALEFICARUM: A BRUXA COMO INSTRUMENTO DO DIABO*

Eunápolis  
2020

**GABRIELA FERREIRA LOURÉDO**

***MALLEUS MALEFICARUM: A BRUXA COMO INSTRUMENTO DO DIABO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciatura em História, pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XVIII*

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Jacquelyne Taís Farias de Queiroz

Eunápolis  
2020

GABRIELA FERREIRA LOURÊDO

*MALLEUS MALEFICARUM: A BRUXA COMO INSTRUMENTO DO DIABO*

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XVIII* como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2020

Banca examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Jacquelyne Taís Farias Queiroz – Orientadora  
(Universidade do Estado da Bahia - UNEB)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sandra Regina Barbosa da Silva Souza  
(Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Sandra da Gama  
(Universidade do Estado da Bahia - UNEB)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me conceder sabedoria e paciência nessa jornada, porque depois de tantas greves e paralizações a vontade de largar tudo foi grande, mas Ele sempre me sustentou e me fez continuar.

A minha mãe por sempre me apoiar e ajudar da maneira dela, saindo de casa muitas vezes durante o dia inteiro só para que eu pudesse ficar em silêncio e conseguir me concentrar melhor nos estudos, já que, para mim, com barulho é impossível.

Ao meu pai que também sempre me apoiou e incentivou, preocupando-se desde meu primeiro dia de aula no ensino superior se eu tinha materiais e bons equipamentos para estudar e escrever meus trabalhos, sempre me ajudando emocional e financeiramente, me dando suporte para que eu pudesse me formar. Meus pais são fantásticos!

Aos meus amigos da turma 2014.1: William, Atenor, Gabriel, Ana Caroline, Sheila, Airton, Natália, Reinalda, Angélica, Railane que me acompanharam durante essa caminhada, em especial minhas amigas de Itabela Heloizza Kelly e Janieli Santiago que sentiram junto comigo as dificuldades sofridas por trabalhar durante o dia e ter que viajar todas as noites para outro município até chegar à UNEB. Foi uma rotina muito cansativa e estressante, mas conseguimos dar forças umas para as outras para continuarmos nessa luta e chegarmos até aqui.

A Wemis que tive a oportunidade de conhecer na metade dessa caminhada, me acompanhando todas as noites à faculdade após a turma 2014.1 ter finalizado. Um companheiro de batalhas e alguém a quem sou muito agradecida por me ajudar imensamente nessa reta final de produção do TCC.

Por fim, agradeço também a Gerliane que chegou em minha turma nos últimos semestres e acabou fazendo parte do grupo, sempre prestativa e disposta a ajudar. E a Camila que sempre me apoiou e ajudou quando eu mais precisei, conhecendo de perto e também sentindo na pele a rotina cansativa de ir todas as noites à UNEB.

## RESUMO

A Idade Média foi um período de grande superstição onde o medo fazia parte do cotidiano das pessoas. Medo do mar, medo da noite, de seres sobrenaturais e, sobretudo, um medo intenso do Diabo e de suas servas: as bruxas. A presente pesquisa visa analisar a primeira parte do manual inquisitório intitulado *Malleus Maleficarum* escrito no século XV pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, se atentando em perceber a maneira com que a bruxa é apresentada como instrumento do Diabo para causar males à humanidade. Desta forma, o trabalho pretende destacar a forma como a figura do Diabo surgiu e evoluiu causando temor coletivo na população europeia medieval e, acima de tudo, analisar como este utilizava a figura feminina na forma de bruxa como seu instrumento para ultrajar a criação perfeita de Deus: o homem.

**Palavras chave:** Diabo. Bruxa. Idade Média. Malleus Maleficarum.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O CONTEXTO MEDIAVAL.....	10
2.1	A mulher no medievo.....	14
3	O NASCIMENTO DO DIABO.....	18
3.1	O príncipe desse mundo .....	20
4	A ELABORAÇÃO DO <i>MALLEUS MALEFICARUM</i> .....	27
4.1	Bruxaria no imaginário cristão .....	28
4.2	A mulher como instrumento do Diabo .....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6	REFERÊNCIAS .....	40
6.1	Fonte .....	40
6.2	Estudos modernos.....	40

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção inicial de Idade Média foi moldada no século XVI pelos renascentistas. De acordo com Hilário Franco Jr. (1995, p.17), o homem tende a rotular os tempos passados, todavia o autor aponta que o termo Idade Média foi carregado de sentido pejorativo pelos intelectuais do período renascentista, definindo-se como um intervalo, um tempo intermediário entre a Antiguidade Clássica e o século XVI considerado o renascimento da civilização greco-romana.

Os renascentistas consideravam a Idade Média como um tempo de retrocesso e grandes superstições, tendo na religião cristã católica o norteamento de todas as verdades, fonte do poder político, influenciadora direta na educação, moral e costumes ensinados à população do período. Essa imagem negativa acabou contribuindo para o nascimento do mito historiográfico de Idade das Trevas, que, em termos contemporâneos, significava tempos de escuridão e ignorância.

O cristianismo se fortaleceu ao longo dos séculos justamente por não fazer distinção de classe e por tornar a relação entre indivíduo e divindade teoricamente mais íntima, como menciona Veyne (2014, p.37). O amor de Deus para com cada pessoa, em contraste com o relacionamento dos deuses pagãos e a humanidade, foi algo essencial para a conversão dos medievais. O autor afirma ainda que o cristianismo se diferenciava do paganismo por ser uma religião de amor, que pregava sobre a misericórdia infinita de Deus que, mesmo impondo uma lei severa, estava sempre disposto a perdoar, pois buscava a redenção e salvação das almas individualmente (VEYNE, 2014, p.40-41).

Veyne (2014, p.72) explica que, para o pensamento católico do período, ser um bom cristão significava ser virtuoso em primeiro lugar, contrastando com o paganismo que, para eles, não passava de um mundo de vícios, dando início, de uma certa forma, à demonização das crenças pagãs e associando seus rituais e crenças a uma espécie de mal que posteriormente passou a ser temida por toda a Europa cristã na figura do Diabo e seus demônios.

Esta pesquisa tem por finalidade identificar a maneira que a bruxa é apresentada no *Malleus Maleficarum* como instrumento do Diabo, visando o contexto social existente no século XV e as regras de conduta impostas pela Igreja Católica para a população europeia principalmente para a mulher cristã e como esta

era obrigada a se comportar. Como meio para identificar esse processo, foi-se utilizado o manual inquisitorial escrito no século XV intitulado *Malleus Maleficarum* (O martelo das feiticeiras) como fonte, pois esta obra foi uma ferramenta fortemente utilizada pela Inquisição como meio verdadeiro e incontestável de identificação e julgamento das acusadas de bruxaria, contribuindo para a condenação de mais de 100 mil mulheres à fogueira.

A presente pesquisa visa contribuir para a ampliação dos estudos voltados a temática da bruxaria durante a Idade Média. A escolha da fonte foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa, pois se trata de um material rico e autêntico produzido no próprio período estudado. A maneira com que a bruxa é apresentada vai em contradição com o típico feminino medieval, uma vez que a mulher “padrão”, segundo as crenças do período, possuía intelecto inferior, deveria ser pura e casta, obediente e submissa a seu esposo, em contrapartida a bruxa era promíscua, sedenta por prazeres carnavais, invejosa e má, altamente sedutora e capaz de cometer as maiores atrocidades por vingança (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.47).

A importância desta pesquisa para a Universidade do Estado da Bahia – UNEB (*Campus XVIII – Eunápolis*) se dá ao pequeno número de estudos voltados para a Idade Média e em especial para a temática de bruxas e demônios, seres grandemente temidos durante o período medieval e que fizeram parte do imaginário coletivo da cristandade desse tempo.

Foi buscado responder a seguinte problemática: a partir do contexto social em que se vivia a sociedade cristã no século XV e tendo em vista o poder político e social da Igreja, de que maneira a bruxa é apresentada como instrumento do Diabo no *Malleus Maleficarum*?

Para compreender a forma com que a mulher era demonizada e considerada mais propensa aos atos de bruxaria e, conseqüentemente, mais sensível as tentações demoníacas, inicialmente será discutido o contexto social em que estava inserida a sociedade medieval do século XV, explicando o exemplo de mulher cristã e como os homens do período deveriam ter um certo cuidado com suas mulheres em casa. Para tal discussão, foi-se utilizado fontes como *A civilização do Ocidente medieval* (1983) e *Amor e sexualidade no Ocidente* (1992), ambas de Le Goff para se compreender o contexto em que essas mulheres estavam inseridas.

Durante o segundo capítulo é feito uma análise sobre a construção da figura do Diabo, tendo em vista que este inicialmente não promovia o medo para a

população e, posteriormente, se tornou personagem principal de um temor coletivo onde a figura de Satã era considerada a causa de todo o malefício existente no mundo. Para tal análise foi utilizado obras como *História do medo no Ocidente* (1989) de Jean Delumeau e *Uma história do Diabo* (2001) de Robert Muchembled, além de *O Diabo no imaginário cristão* (2002) de Carlos Roberto F. Nogueira para se compreender a construção deste personagem.

No terceiro capítulo, após compreender o contexto social medieval, os comportamentos femininos e a construção e evolução da figura do Diabo é que, a partir de então, será feita a análise do *Malleus Maleficarum* como um todo, buscando perceber os reflexos da realidade apresentados nesta obra. O trabalho buscará perceber qual a maneira que a bruxa é apresentada como instrumento diabólico e os malefícios que esta causava a serviço do Diabo.

## 2 O CONTEXTO MEDIAVAL

A Idade Média é compreendida como um período que se iniciou a partir da queda do Império Romano do Ocidente, assim como a organização dos povos bárbaros. O período medieval esteve marcado pelo crescimento e ascensão do cristianismo, considerado ainda como o triunfo sobre os povos bárbaros e, conseqüentemente, resultante deste triunfo, a conversão desses povos. Em paralelo, o Império Bizantino do Oriente passava por um período de expansão, marcado pela grandiosidade artística e no setor têxtil, provocando a influência cultural sobre o Ocidente.

De acordo com Figueira (2007, p.67) a expressão “Idade Média” surgiu no século XIV durante o movimento cultural conhecido por Renascimento, como um modo pejorativo para se denominar este período de mil anos. O período Medieval foi um momento ímpar marcado por fortes mudanças sociais, em paralelo com o fervor cultural, considerando-se, ainda, a Idade Média como um período de grandes embates e influências culturais.

Segundo Jacques Le Goff (2014, p.32), a Idade Média não pode ser lembrada como uma Idade das Trevas, assim como ficou conhecido o período durante muitos anos, pois houve um considerável progresso vivenciado naquela época, destacando-se a agricultura para os primeiros passos do sistema monetário e a infraestrutura das cidades. A beleza artística do estilo românico passando para a imponência gótica vistas até os dias de hoje em catedrais, palácios e praças foram características que devem ser consideradas e contextualizadas como parte do legado criativo e dinâmico da Idade Média:

Em primeiro lugar, deve-se deixar claro que de forma geral a Idade Média tem má reputação. Conforme aponta Baschet (2006, p. 23, grifos meus), são “mil anos de história da Europa Ocidental, (...) entregues às ideias preconcebidas e a um menosprezo inextirpável, cuja função é, sem dúvida, permitir que as épocas ulteriores forjem a convicção de sua própria modernidade (...)” As associações mais tradicionais e arraigadas à imagem do medieval sempre tem a ver com conceitos como barbárie, obscurantismo, intolerância, regressão econômica, desorganização política, etc. (PEREIRA, 2016, p.36).

Ao deixar claro que embora exista uma tentativa por parte dos historiadores de desconstruir a Idade Média como um período de atraso e retrocesso humano, ainda nos dias atuais existe a ideia de se relacionar o termo medieval a barbárie, ignorância e extrema violência.

A Idade Média pode ser caracterizada como um período marcado por transição de poderes, iniciando-se com as invasões bárbaras na intencionalidade de expansão do domínio. A sociedade feudal foi governada pelo medo, associado a pobreza e a dominação por meios ideológicos, fazendo com que os senhores se beneficiassem de seus servos. A troca de favores se dava através de proteção e moradia em suas terras por parte dos nobres e, em retribuição a este benefício, era realizado, por parte dos camponeses, o trabalho compulsório durante alguns dias da semana nas terras do senhor feudal e o pagamento obrigatório de impostos aos seus senhores.

O homem que viveu na Idade Média tinha a ideia concebida de que a autoridade suprema era o imperador, e que este possuía uma ligação estreita com Deus, governando em nome do Senhor. Entretanto, a Igreja Católica por possuir influências religiosas e sociais em toda a Europa Ocidental, detinha um certo poder político sobre todas as esferas governamentais, desta forma pode-se alegar que, no mundo cristão, o Papa era quem de fato governava (SOUZA, 1999, p.16).

Le Goff, (2014, p.89) define a sociedade feudal como diferenciada daquela concebida pelo Império Romano, uma vez que esta era hierarquizada, postulada pela fé e pela dominação da Igreja Católica. A sociedade medieval era dividida em três categorias: sacerdotes, guerreiros e camponeses. Segundo Le Goff (1983, p.9), esse sistema tripartido era o símbolo de harmonia social: “[...] O rei deve ter [...] ‘homens de oração, homens de cavalo e homens de trabalho’ [...]]. A casa de Deus, que cremos ser uma, está pois dividida em três: uns oram, outros combatem e os outros, enfim, trabalham” (LE GOFF, 1983, p.9-10). Essa repartição, de acordo com as crenças propagadas pela Igreja, era de vontade do próprio Deus como uma forma de missão a cada indivíduo: aos clérigos foi instituído que rezassem pelos outros e dessem exemplo aos demais para que inspirassem aos leigos um amor a Deus. Os camponeses tinham o propósito de garantir a sua própria subsistência e a dos outros, por fim, os guerreiros deveriam garantir a segurança do reino através da força necessária.

Le Goff (1983, p.13) explica que esse esquema de tripartição foi uma espécie de controle populacional, uma forma de camponeses e guerreiros se tornarem submissos a Igreja. Durante a Idade Média, o clero disseminou a ideologia de que a condição de cada pessoa estava predestinada ao nascer, ou seja, se uma pessoa nasce camponesa, deve morrer camponesa, assim como alguém que nasce nobre deve morrer nobre. A história de um jovem camponês alemão de nome Helmbrecht do século XIII aponta as consequências de não aceitar o seu destino:

[...] “Quero saber o gosto da vida das cortes” [...]. Em vão o pai lhe recorda a moral da sociedade medieval: “É raro que vingue aquele que se revoltou contra a sua condição, e a tua condição é a charrua” [...]. Os meses se passam e o filho pródigo volta para deslumbrar os pais. Mas transformou-se num truão, não num senhor [...]. O jovem bandido parte novamente, desviando a irmã [...]. “E ei-lo a torturar e a roubar camponeses” [...]. A história, como é de calcular, acaba mal para Helmbrecht. “Aquilo que tem de acontecer acontece. Deus nunca deixa de castigar aquele que faz o que não deve”. [...] O carrasco vazou-lhe os olhos, cortou-lhe uma mão e um pé... Helmbrecht, o ladrão cego, recebeu um bastão e um criado levou-lhe sem aliviar a desgraça [...]. Quando ia atravessar o campo, acompanhado do guia, nenhum camponês deixou de lhe gritar: “Eh! Eh! ladrão Helmbrecht! Se tivesses continuado camponês, como eu, não estarias cego, obrigado a levar guia” O último instrumento de Deus foram uns camponeses que tinham sido roubados por Helmbrecht, que não perdoaram um homem da sua classe aquilo que eram obrigados a permitir ao seu senhor. “Obrigaram o infeliz a confessar-se [...] depois do que o enforcaram numa árvore” (LE GOFF, 1983, p.84-85).

Por outro lado, o surgimento de uma nova classe, a dos mercadores, alterou esse sistema de repartição, além disso, estes (mercadores) não submetiam-se à classe clerical ou a militar, o que gerou um desconforto por parte da Igreja a ponto de afirmarem que “[...] Deus fez os clérigos, os cavaleiros e os lavradores; mas o demônio fez os burgueses e os usurários [...]” (LE GOFF, 1983, p.16).

É importante salientar que o contexto social da Idade Média foi marcado pelo cristianismo, afinal este era fonte de explicações das relações sociais existentes, dos comportamentos coletivos e, por consequência, reprodução dessas relações. O discurso ideológico cristão fez com que o homem relacionasse a religião até aos antagonismos protagonizados pelo homem e a natureza, ultrapassando assim a simbologia.

Com o tempo, a religião católica acabou fornecendo algumas revoltas sociais, como é o caso da heresia. As heresias da Idade Média eram perigosas para a Igreja

e a ordem feudal<sup>1</sup>, desta forma, os hereges foram perseguidos e excluídos dos meios sociais. Aproximadamente a partir do século XII, com a instalação da Inquisição, a heresia foi definida como um crime de lesa-majestade, que atentava contra o bem público e a ordem da sociedade cristã.

Heresia, em seu conceito, é a doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé. Em grego, *hairesis* significa “aquele que escolhe”, portanto o herege é aquele que escolheu uma doutrina ou uma fé diferente daquela legitimada pela Igreja Católica e defende obstinadamente essa opinião (NOVINSKY, 1982, p.10). A corrupção da Igreja, as deficiências do clero e a politização do papado contribuiu para que houvesse uma necessidade de visão alternativa da religião, desta forma os hereges buscavam retornar às raízes do cristianismo puro, aos princípios originais ensinados por Jesus Cristo (RICHARDS, 1993, p.54). A heresia representava uma ruptura com o clero dominante, para a Igreja era algo contagioso e que se disseminava com facilidade entre a sociedade sendo perigosa para a ordem estabelecida que queria manter a estrutura social tradicional

A ideia de heresia se ampliou ao longo do período medieval e após a segunda metade da Baixa Idade Média, um novo ser passou a ser temido e utilizado como uma espécie de prova física da existência dos demônios e da capacidade de se corromper a alma humana: a bruxa. Maleval (2016, p.2) menciona que a prática da feitiçaria tornou-se relacionada ao sexo feminino, o que deu origem ao manual de perseguição às bruxas intitulado *Malleus Maleficarum*, escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger e oficializado pelo Papa Inocêncio VIII. Nesse manual de identificação do feiticeiro, os inquisidores retratam a mulher como possuidora de uma natureza rebelde, vingativa e mais sensível às tentações demoníacas, além de possuir uma inteligência limitada, ser mais propensa à luxúria e os prazeres da carne, selando seus supostos pactos através de relações sexuais com o demônio (KREMER; SPRENGER, 2017, p.93-98). Para a mentalidade da Idade Média, os pactos firmados entre feiticeiros e demônios eram como um contrato feudal, ou seja, uma relação de senhor e vassalo. Nogueira (1991, p.24) afirma que

[...] Para a ortodoxia religiosa, a imagem de uma magia, realmente herética, era estabelecida através do “pacto com o demônio,

---

1 Alguns senhores feudais eram favorecidos pela Igreja (LE GOFF, 1983, p. 71).

entendido não tanto em sentido contratual, mas sobre tudo em sentido feudal, veiculador, neste sentido, da ideia de uma relação, não entre duas partes iguais, mas de sujeição, de uma *fidelitas* que o homem jurava ao Diabo em cujo ato lhe rendia *homagium*, como *el vassus* a seu senhor” (CARDINI *apud* NOGUEIRA, 1991, p.24).

Segundo o autor, já no final do período medieval, esses supostos pactos demoníacos eram relacionados aos pactos entre mercadores, ambos traiçoeiros e dissimulados, desprezados pelos cristãos, mais uma vez relacionando essa representação a características existentes ao período.

## **2.1. A mulher no medievo**

O papel da mulher ao longo da história, e em específico a relação desta durante a Idade Média, foi ausente de protagonismo. Os relatos existentes sobre guerras, reinados, personagens ilustres assim como as autoridades eclesiásticas medievais silenciaram a mulher, por vezes tratada por um lado como a virgem casta e em outras ocasiões como a pecadora (Perrout, 2008, p.55)

Ainda de acordo com Perrout (2008, p.55) o discurso difundido entre a população era o de inferioridade da mulher em relação aos homens da Idade Média, tendo em vista que até a educação era restrita e tardia. Embora fossem introduzidos os preceitos religiosos desde cedo e educadas nos joelhos de igreja, as mulheres religiosas eram subordinadas nos mosteiros e conventos e não poderiam exercer atividades de cunho administrativos, sua posição estava determinada como a execução de um papel silencioso e discreto.

Segundo Portela (2012, p.79) a mulher era um objeto. A sua virgindade estava cercada de um status obsessivo tanto social quanto familiar. A mulher solteira deveria se preservar, seguir todas as regras estabelecidas em relação a sua conduta social. Buscar o casamento foi o ideal feminino, uma vez que o papel social no qual a mulher estava inserida, a de esposa, mãe e filha, era considerado a missão da mulher medieval. A autora aponta que na Idade Média a mulher detinha um papel ambíguo em que mesmo sendo objeto de desejo também era sinônimo de aversão, considerando que a autoridade do homem estava diretamente no controle. Se a mulher não estivesse sobre uma tutela masculina, esta seria um risco social dado a sua natureza pervertida e descontrolada conforme as crenças do período.

O discurso ideológico da Igreja deixava claro que para o homem medieval as mulheres eram altamente perigosas. Esse discurso foi disseminado por monges e clérigos e acabou se tornando um dos meios para a imposição do celibato no século XII: a mulher representava os desejos da carne e o homem, diante desta imagem, poderia ser tomado pelos seus impulsos sexuais. Desta forma foi determinado que a mulher deveria se manter com vestimentas discretas, pois seu corpo, seus gestos e suas intenções eram impuras. Para a Igreja a mulher era fonte do pecado, perdição dos homens (PORTELA, 2012, p.78).

Desde o período de afirmação do cristianismo no Ocidente o livro de *Gênesis*<sup>2</sup> ocupou lugar de destaque nas discussões teológicas clericais. Os escritores cristãos, entre eles Paulo, em seus escritos destinados aos *Coríntios*, basearam sua argumentação na existência de uma superioridade natural do masculino verificada tanto no momento da Criação quanto na fraqueza de Eva quando esta teria sido tentada pelo diabo em forma serpente. Não é incomum encontrar padrões discursivos durante o período medieval que atribuem ao homem o princípio divino da inteligência ao mesmo tempo em que relega-se à mulher o princípio da sensibilidade através da construção de um discurso argumentativo hierarquicamente estruturado a partir da proximidade entre o masculino com Deus (MACEDO *apud* PORTELA, 2012, p.87).

Para Agostinho (2003, p.17), o discurso teológico relacionado ao gênero inicia-se no livro de *Gênesis*, quando fica explícito que Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, não havendo neste momento a relação de gênero, ficando conceituado que o homem tende na direção de Deus e manterá sempre uma relação única e idêntica com Ele.

De acordo com o autor, após a criação da mulher e toda a separação de gênero, o papel feminino se tornou o de submissão, sendo necessário a dependência e a necessidade da matéria masculina (a costela de Adão, neste caso) para sua criação. O autor ainda salienta que, de acordo com o pensamento descrito acima, em que o homem é a semelhança de Deus e, por ter sido criado assim, a mulher não detém a proximidade com Deus, o gênero feminino não estaria relacionado diretamente ao Criador (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p.141).

---

<sup>2</sup> Primeiro livro da coletânea *Bíblia Sagrada*.

O discurso medieval descreve gradualmente a dependência material da mulher, afinal está descrito no pilar cristão, a Bíblia, e é nesta onde retirou-se a argumentação que se destaca sobre o papel da mulher. Conforme a Idade Média se estabelecia, o aparato argumentativo se solidificava e estendia nas relações conjugais e sociais. Sendo prioritário o homem, a mulher deve obediência a seu esposo, fonte primária de harmonia do casal.

Essencialmente doutrinador, Tomas de Aquino elevou o papel feminino a procriação, afirmando que a mulher existia com essa finalidade, sua função era a de auxílio: "o bem da espécie quer que a mulher ajude seu marido na procriação, função auxiliar que constitui, na ordem da criação, a finalidade de sua existência enquanto indivíduo sexuado" (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p.143). Todavia é necessário enfatizar que apenas a semente masculina era considerada, dentro desse contexto, a virtuosa, a que desencadeia o processo geracional de uma vida, por conseguinte detém a característica única de transmitir a benção do céu, os privilégios espirituais e o dom da vida, deixando claro o papel subalterno, submisso e auxiliar da mulher.

Segundo Le Goff, (2014, p.15) as ideologias medievais cristãs se esforçavam em desprezar o corpo para o sexo, sempre relacionando o sexo ao pecado e, conseqüentemente, o pecado a mulher. Iniciando com Eva até chegar aos fins da Idade Média com as bruxas, o corpo feminino foi considerado um lugar de eleição do diabo.

Em todas as considerações feitas pelos eruditos da Idade Média, Adão era o exemplo de que se deveria controlar a sexualidade, transmitindo essa ideia aos fieis de que seria necessário controlar os prazeres da carne mesmo quando o ato sexual ocorria dentro do matrimônio. A mulher, que também podia ser considerada como dama e esposa, se não controlada despertava no homem os pecados instintivos. Para os medievais os pecados da sexualidade originários de Adão e Eva lançaram o mal sobre a terra. Os desejos carnis, as libertinagens e luxúrias inspirados pelo diabo deveriam ser evitados a todo o custo.

O ideal para os medievais em termos de condutas sociais indicava que, para o homem temente a Deus, os pecados do corpo deveriam ser refutados. O desprezo pelo mundo e pelas humilhações carnis foi ocupando o cotidiano e mentalidade do Ocidente. (LE GOFF, 1992, p.157).

A disseminação dos manuais de confessores contribuiu para o crescimento do discurso de aversão a figura feminina durante a Baixa Idade Média, associando todos os males do mundo ao diabo e aos pecados da mulher, legitimando, desta forma, o medo ao considerar que eventos da natureza e que outras culturas estavam a serviço do diabo e seus demônios. A crença em relação Lúcifer e suas seguidoras se tornou essencial para a fé católica que sustentou diligentemente suas convicções, considerando heresia todas as opiniões divergentes de suas ideologias, convertendo relações de intercuro sexual, práticas culturais ancestrais e os demônios como afirmação concreta deste pensamento que perdurou durante toda a Idade Média. (KRAMER; SPRENGER, 2010, p.49).

### 3 O NASCIMENTO DO DIABO

A Europa Medieval temia uma série de superstições que acompanhou a vida de seus habitantes durante muito tempo ao longo da história. Um dos personagens mais temidos durante um longo período foi o Diabo, produto de um imaginário construído ao longo dos séculos. Foi através da religiosidade hebraica que, posteriormente, o imaginário cristão produziu o arquétipo do Grande Inimigo. Para os hebreus primitivos, não havia a necessidade da incorporação de uma entidade maligna, porque *Yahveh* era um deus superior aos deuses das populações vizinhas. Esses deuses, para os hebreus, eram considerados adversários de sua divindade, portanto expressões naturais da maldade, tornando desnecessário qualquer encarnação suplementar do mal (NOGUEIRA, 2002, p.13).

De acordo com Nogueira (2002, p.14) uma parte dos hebreus, seguindo a tradição monoteísta, via nos deuses estrangeiros meros ídolos fruto da idolatria, puras imaginações; a outra parte equiparava esses deuses aos espíritos das trevas. Esta última opinião prevaleceu-se e todos os deuses adversários a *Yahveh* converteram-se na corte demoníaca. Os livros de *Êxodo* e *Salmos* apontam essa superioridade da divindade judaica perante os deuses politeístas:

Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas? [...] agora sei que o senhor é maior que todos os deuses, porque livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo (Êxodo 15:11; 18:11)

Porque todos os deuses dos povos não passam de ídolos; o Senhor, porém, fez os céus (Salmos 96:5).

A partir do Novo Testamento, os adversários de Deus deixaram de ser reconhecidos como divindades ou ídolos pertencentes a uma nação inimiga e receberam a identidade demoníaca, sendo representados pela figura de Satã e seus demônios. Para os cristãos, a missão de Satã passou a ser combater a religião recém-nascida. Era seu dever desvirtuar os homens, corromper as mulheres, fazer com que blasfemassem contra o Senhor para que, desta forma, o ser humano fosse sentenciado a sofrer eternamente no lugar de habitação dos demônios: o inferno. A partir de então, Satã se tornou o archi-inimigo de Jesus e seus discípulos,

elaborando formas de transgredir a fidelidade ao Senhor e fazendo com que o homem perdesse seu corpo e sua alma:

Ao contrário de *Yahvé* no Antigo Testamento, Deus agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios. Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o livro do Apocalipse trazem abundantes alusões a essa luta formidável. Daqui por diante, Satã é o *grande adversário*, tendo por missão combater a religião de acaba de nascer e que será no futuro o Cristianismo; Satã é o inimigo implacável de Jesus e seus discípulos, tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder os seus corpos e almas (NOGUEIRA, 2002, p.25-26).

O cristianismo se fortaleceu ao longo dos séculos justamente por não fazer distinção de classe e por tornar a relação entre indivíduo e divindade teoricamente mais íntima, como menciona Veyne (2014, p.37):

Ampliando a religião judia e os Salmos, o cristianismo tem por fundamento uma paixão mútua da divindade com a humanidade ou, mais precisamente, com cada um de nós [...], uma mulher do povo podia ir contar suas infelicidades familiares ou conjugais à Madona; se as tivesse contado a Hera ou Afrodite, a deusa se perguntaria que extravagância tinha passado pela cabeça daquela tola mulher que lhe vinha falar de coisas com as quais ela não tinha nada a ver (VEYNE, 2014, p.37).

O amor de Deus para com cada pessoa, em contraste com o relacionamento dos deuses pagãos e a humanidade, foi algo essencial para a conversão dos medievais. O autor afirma ainda que o cristianismo se diferenciava do paganismo por ser uma religião de amor, que pregava sobre a misericórdia infinita de Deus que, mesmo impondo uma lei severa, estava sempre disposto a perdoar, pois buscava a redenção e salvação das almas individualmente, pois “[...] Quando um cristão se punha em pensamento diante de seu Deus, sabia que não deixava de ser olhado e de ser amado. Enquanto os deuses pagãos viviam antes de tudo para si mesmos” (VEYNE, 2014, p.40-41).

A nova filosofia defendida pelo cristianismo e o Deus teoricamente amoroso a quem eles adoravam fizeram com que o número de adeptos fosse aumentando. Com a estruturação da Igreja, o paganismo se tornou algo que deveria ser combatido, pensando desta forma o alto clero adaptou alguns aspectos de outras

religiões para aumentar ainda mais a força do cristianismo e conseguir mais adeptos. De acordo com Atienza (1995, p.10), essa tradução colaborou na conversão do Imperador Constantino, o Grande, que passou a permitir que o cristianismo fosse professado livremente no império:

[...] E, para dar um exemplo entre muitos, quando se ofereceu a possibilidade de sua oficialização nos tempos de Constantino, o Grande, as mesmas hierarquias eclesiásticas não tiveram dúvidas na hora de identificar Jesus Cristo com aquele *Sol Invictus* pelo qual o Imperador tinha tanto afeto, nem em fazer coincidir, até mesmo, a duvidosa data de seu nascimento com aquele 25 de dezembro no qual se festejava oficialmente o nascimento do Sol (ATIENZA, p. 1995, p.10).

A partir de então, após o *Édito de Tessalônica*, a Igreja se consolidou enquanto instituição, fazendo com que o cristianismo se tornasse a religião oficial do Império Romano. Veyne (2014, p.72) explica que, para o pensamento católico do período medieval, ser um bom cristão significava ser virtuoso em primeiro lugar, contrastando com o paganismo que, para eles, não passava de um mundo de vícios, dando início, de uma certa forma, à demonização das crenças pagãs e associando seus rituais e crenças a uma espécie de mal que posteriormente passou a ser temida por toda a Europa cristã na figura do Diabo e seus demônios.

A construção da figura do Mal foi algo que gerou um medo coletivo nas populações da Idade Média. A representação desta figura e os males que esta supostamente afligia ao cristão inspirou uma epifania por toda a Europa, contribuindo na execução de milhares de pessoas por todo o continente acusadas de compactuarem com o Maligno para destruir a moral cristã pregada e defendida pela Igreja. Para compreender as causas deste mal absoluto, é necessário primeiramente discutir sobre a criação ou “evolução” da representação do Diabo no imaginário cristão medieval.

### **3.1. O príncipe desse mundo**

A figuração mais antiga do Diabo, segundo Delumeau (1989, p.239), data do século VI em uma igreja no Egito, onde Lúcifer foi representado sem má aparência, apenas como um anjo decaído com unhas recurvas e um sorriso irônico. A representação de Satã na Alta Idade Média tanto na iconografia quanto no defendido

pelo clero possuía características comuns do período: traços de deformidades físicas encontráveis em pessoas da época. Muchembled (2001, p.22) menciona o depoimento de um monge chamado Raoul Glaber que viveu por volta do ano mil, onde este narra uma de suas três experiências de encontro com o Diabo. De acordo com este depoimento, as características do Diabo, que supostamente apareceu em seu quarto, eram mais humanas e menos sobrenaturais:

Na época em que vivia no mosteiro do beato mártir Léger, denominado Champeaux, uma noite, antes do ofício de matinas, ergue-se diante de mim, ao pé de meu leito, uma espécie de anão de horrível aspecto. Era, pelo que pude perceber, de estatura medíocre, com um pescoço marcado de cicatrizes, uma fisionomia emaciada, olhos muito negros, a fronte rugosa e crispada, as narinas afiladas, a boca proeminente, os lábios polpudos, o queixo fugidio e em ponta, o corpo ereto, uma barba de bode, as orelhas peludas e afiladas, os cabelos em pé, dentes de cão, o crânio em ponta, o peito estufado, as costas corcundas, as nádegas frementes, vestimentas sórdidas, agitado pelo esforço, todo o corpo inclinado para a frente. Agarrou a extremidade da cama em que eu repousava, deu ao leito sacudidelas terríveis, e enfim disse: “Você, você não vai ficar mais muito tempo neste lugar”. E eu, assombrado, levanto-me em sobressalto e o vejo, tal como acabo de descrevê-lo (GLABER *apud* MUCHEMBLE, 2001, p.22).

O relato do monge aponta um demônio de aspecto comum, um “diabo humano”, disforme, mau (de acordo com os padrões cristãos do período) e agressivo, além de os detalhes de sua aparência (as cicatrizes, o queixo, o crânio) reproduzirem uma ideia de anormalidade para a sociedade do período, entretanto ainda no aspecto humano, sem partir definitivamente para o sobrenatural. É sabido lembrar que, para o período, pessoas com deficiência física (nanismo, neste caso) e aparência rude eram constantemente discriminadas e, sempre que possível, evitadas. Relacionar as deficiências físicas como um arquétipo do Mal tornou-se corriqueiro para as pessoas da Idade Média, uma vez que, na crença dos mais ortodoxos, essas pessoas nasciam nestas condições para pagarem ou exporem os pecados cometidos por seus pais:

Eram também excluídos os doentes, especialmente os aleijados e os estropiados. Nesse mundo em que a doença e a deficiência física eram tidas como sinais exteriores de pecado, os que desses males sofressem eram malditos por Deus e, portanto, pelos homens (LE GOFF, 1983, p.82).

De acordo com Chartier (2011, p.18), representação significa “fazer presente alguma coisa com palavras ou figuras que se fixam em nossa imaginação” (CHARTIER, 2011, p.18). Partindo por essa vertente percebe-se que a imagem que a população do início do período medieval cultivava acerca do Diabo era adaptada à realidade do feudalismo: a de um vassalo desleal que traiu seu Senhor, conseqüentemente sendo banido de suas “terras” e privado de suas funções angelicais. A personificação dos demônios não transmitia terror na população até o início da Baixa Idade Média. Os medievais acreditavam que estes faziam parte do plano espiritual, e eles (os humanos) do plano material, impedindo, desta forma, de serem atacados diretamente por um desses seres (BOUREAU, 2016, p. 11; DELUMEAU, 1989, p.250; KRAMER; SPRENGER, 2017, p.43; MUCHEMBLE, 2001, p.20; 41).

Ao contrário do que se acredita o senso comum, até o século XIII os demônios não representavam problema. Para os medievais, homens, anjos e demônios viviam em planos diferentes. Desta forma, na terra se desfrutava de uma segurança em relação ao maligno.

No decorrer da Idade Média, assimilado pelo código feudal, Satã foi relacionado a um vassalo desleal. Somente por volta do século XII ou XIII é que a figura do Mal surgiu com força, assumindo um lugar decisivo nas representações e nas práticas. Muchembled (2001, p.24) afirma que a religião cristã não podia tolerar a existência de uma religião paralela, desta maneira o diabo passou a ser associado com divindades pagãs. Sua forma “preferida”, a do bode, pode ser facilmente relacionada a Pã, deus grego dos bosques, campos, rebanhos e pastores, mostrando uma clara adaptação entre as narrativas e seus personagens para que todos reconhecessem aquele ser (o Diabo) através de um outro, minimizando, desta forma, as devoções aos deuses pagãos e, assim, todos reconhecessem o mal por trás das divindades primitivas.

A partir do século XVI, as representações de Satã se tornaram mais perturbadoras. A imagem de um humano desfigurado foi substituída por a de um monstro impiedoso que se regozija com o pecado do homem. O medo do Diabo desenvolveu a obediência religiosa. Além disso, o medo das punições do inferno aumentou o poder da Igreja sobre os cristãos. A repercussão sobre a autonomia do inferno foi uma forma, um esforço para tornar visível a divindade cristã. A ideia da Igreja era distanciar as pessoas dos deuses pagãos e aproximá-los do Deus cristão.

Para isso foi necessário colocar Satã em um lugar de destaque, mas sempre subordinado à Deus. Nessa perspectiva, aqueles que infligissem as leis divinas (que basicamente também eram as leis sociais do período) eram sentenciados ao inferno, onde passariam a eternidade sendo torturados por Satã e seus demônios:

[...] A acentuação do medo do inferno e do diabo tem, provavelmente, por resultado um aumento do poder simbólico da Igreja sobre os cristãos mais atingidos por estas mensagens [...]. Distanciando-se dos deuses em nome de um Deus único cristão, instalando Satã em lugar eminente, porém subordinado à vontade divina, insistindo na ideia de que os pecadores e os criminosos não conseguem escapar de um merecido castigo, a Igreja contribuía para modelar as características que definiriam a identidade de uma Europa dinâmica, empurrada adiante por uma força coletiva ligada à inculpação individual (MUCHEMBLED, 2001, p.37-38).

O medo do demônio se intensificou através do realismo das representações artísticas. As pinturas medievais mostravam à população os horrores do pecado: de um lado Satã e seus demônios, retratados como híbridos de animais e humanos, com algumas características semelhantes aos seres mitológicos de culturas mais antigas, algumas vezes rodeados de insetos e répteis, considerados seres evocadores da morte e do diabo; e do outro os pecadores sofrendo suas punições de acordo com o grau de pecado. Delumeau (1989, p.241-243) descreve uma série de pinturas representando as infernais torturas sofridas por aqueles que transgredissem as leis divinas e compactuassem com Lúcifer. Os cenários eram perturbadores:

[...] Nos diferentes compartimentos do horrendo reino, os demônios desenrolam os intestinos dos invejosos, fazem vomitar os avarentos, impedem os glutões de comer os pratos de uma mesa abundante servida, chicoteiam os adúlteros, cravam estacas em chamas no sexo das mulheres que foram levianas [...]. Lúcifer, gigante coroadado que se alimenta das almas dos condenados, aspirando-as e repelindo-as repetidamente, deixando escapar chamas e fumaça de sua horrível boca [...]. Os diabos forjadores que erguem pesados martelos sobre uma bigorna feita de corpos de homens e de mulheres superpostos; a roda na qual são presos pecadores, os condenados deitados sobre uma grelha e regados com chumbo fundido, a árvore seca com seus enforcados vivos (DELUMEAU, 1989, p.241).

Além das representações iconográficas, a imprensa foi um meio para se propagar o medo aos seres das trevas. Grandes obras foram escritas instruindo os habitantes a se defenderem desse mal, outras apontavam os malefícios causados pelos demônios, suas aparências e como evita-los. Os informativos sobre o assunto eram variados, muitas edições de vários autores foram publicadas ao longo da Idade Média. A “popularidade” de Satã estava em alta, as obras sobre a vida dos santos, que outrora foram materiais amplamente difundidos e estudados como forma de inspiração e prova do amor do Deus poderoso para com seus fiéis, acabaram sendo substituídos pela literatura demoníaca:

A vida dos santos que nos falava outrora do amor e da misericórdia divina, dos deveres da caridade cristã, que nos exortava a praticá-los, hoje já não é de moda e não tem mais prestígio como no passado junto aos bons e piedosos cristãos. Em compensação, todo mundo compra livros de magia, imagens ou rimas sobre as ciências ocultas e diabólicas. (JANSSEN *apud* DELUMEAU, 1989,p.246).

Folhetos e gazetas também foram materiais distribuídos entre as populações. Na Alemanha do século XVI, mascates, mágicos e exorcistas ambulantes divulgavam esse material que ensinava a conhecer o futuro, alertavam sobre as armadilhas diabólicas, relatavam histórias de possessão, lobisomens e aparições de Satã e seus demônios. Para Delumeau (1989, p. 246-247) a Alemanha foi o país onde o Diabo mais exerceu poder tirânico. Além de todo esse material, ainda havia o teatro para ilustrar face a face as peculiaridades do Mal. Os relatos e representações do Diabo deixavam de ser descritos em palavras e imagens para se tornar visível e presente a todo o olho que o pudesse enxergar e a todos que pudessem se fazer presentes durante as várias apresentações teatrais. A figura demoníaca estava, então, fixa no imaginário europeu:

Depois de ter sido um homem deformado, Satã se apresentava a partir de então como uma potência inumana, um rei tirânico, mas também como um ser inapreensível, capaz de encarnar-se em um envoltório animal ou híbrido, apto a introduzir-se em tudo e qualquer corpo vivo (MUCHEMBLED, 2001, p.43).

Em um período onde as superstições e o medo excessivo dominavam o imaginário da população, ver essas representações através de pinturas e peças teatrais causava um pânico coletivo e, conseqüentemente, uma submissão à Igreja e

seus ensinamentos. A partir do século XII, o discurso sobre o Diabo passou a ser também relacionado ao corpo humano. A Igreja defendia uma tese sobre como o corpo não deveria funcionar e criou uma série de regras e condutas para que todo cristão seguisse à risca, caso contrário, sofreria as punições infernais. O corpo humano se tornou um campo proibido, uma espécie de *tabu* para a cultura medieval. A Igreja intervinha até no momento do ato sexual de um casal criando regras e aconselhando a praticarem apenas para reprodução e com posições limitadas, onde o homem pudesse sempre estar na condição de dominador.

O sexo por prazer, para a Igreja, era visto como uma herança da perversão dos tempos do paganismo, uma lembrança dos deuses imorais e suas culturas libidinosas, logo a prática do sexo com finalidades não reprodutivas e, principalmente, entre pessoas não unidas pelos laços sagrados do matrimônio foi relacionado com o Mal e passou a ser um ato praticado também entre pessoas e demônios. A crença, até então, era a de que os demônios faziam parte do plano imaterial, excluindo qualquer tipo de atividade sexual entre ambas as partes. Entretanto, a partir desse período, foi desenvolvido a ideia de que os íncubos e súcubos, demônios sexuais, podiam seduzir de fato os vivos e consumarem o ato sexual. O sexo entre demônios e humanos poderia resultar em um filho, todavia o sêmen inserido na mulher não pertenceria ao demônio que a seduziu, mas a um homem a quem este mesmo demônio teria seduzido anteriormente na forma de súcubos e colhido seu sêmen. Tal prática, contrária a natureza, foi definida pela Igreja como bestial e ligada às heresias. Consequentemente, a prática da bestialidade contribuiu para a criação dos manuais de caça às bruxas produzidos durante o século XV.

O imaginário cristão medieval acreditava que os demônios só agiam com a permissão divina. A Igreja afirmava que Deus permitia aos demônios fazerem o mal para que pudesse testar a fidelidade do homem e mostrar a crueldade que estes eram capazes de fazer a todo aquele que rejeitasse os preceitos divinos. Para os as pessoas da Idade Média, os demônios não tinham o poder para trocar o sexo de uma pessoa, por exemplo, ou fazer este desaparecer, além de não poderem fazer aparecer a alma dos mortos, tais acontecimentos eram fruto de uma ilusão causada pelo mestre da enganação, o pai da mentira.

De acordo com Delumeau (1989, p.254), segundo a crença medieval, o diabo possuía a habilidade de vestir-se de corpos mortos, principalmente daqueles

enterrados em terras não consagradas. Podiam fazer corpos não apodrecerem e órgãos como o coração ou até mesmo o próprio corpo humano por inteiro não sucumbirem às chamas durante algum tempo e ainda que cabelos e unhas de falecidos continuassem a crescer. Partindo por essa vertente, é possível dizer que, para as pessoas da Idade Média, os demônios possuíam certa autoridade sobre os cadáveres. Delumeau (1989, p.254) levanta uma questão acerca do poder que os demônios teriam sobre a morte: se possuíam a habilidade de matar o ser humano ou não. Segundo o autor, para Del Rio, teólogo jesuíta, o Diabo possuía sim o poder de matar, pois é sabido que, como relatado no Antigo Testamento, Satã assassinou os filhos de Jó a partir da permissão que recebeu do Divino. Além disso, o autor aponta que através de malefícios e sortilégios, utilizando-se de pessoas que firmaram pactos com os demônios, o Diabo teria matado um grande número de pessoas todos os dias.

Segundo Delumeau (1989, p.41) o medo individual era uma emoção provocada pela consciência de um perigo presente ou ameaça. Porém o causador desse medo constante estava claramente introduzido no imaginário individual de cada um. Pode-se compreender que atribuir ao demônio os infortúnios individuais e/ou coletivos foi uma forma ideológica de controle populacional. A Igreja Católica durante a Idade Média foi disseminadora do medo e da mistificação do Diabo ao ponto de criar uma lista de seus males, fortalecendo-se mediante uma cultura ameaçadora que rotulava e explicava o medo segundo suas crenças.

O medo crescente ao Diabo contribuiu para o surgimento de um novo ser tão cruel e perverso quanto aos demônios, uma criatura invejosa, astuta, sedutora, que se deleita com a infelicidade e a desgraça sofrida pelo outro, uma figura, dessa vez, de carne e osso presente em vilas e cidades, visível a qualquer olho que possa identificar e disposta a destruir a Igreja, os princípios, a moral e o cristão. Essa criatura se tornou mundialmente conhecida e, mesmo nos dias atuais, causa um certo terror em determinadas pessoas. Esse ser passou a ser nomeado como bruxa.

#### 4 A ELABORAÇÃO DO *MALLEUS MALEFICARUM*

Ao longo da Idade Média a sociedade foi alterando padrões anteriormente estabelecidos e tornando-se cada vez mais dominada pelo medo, que era intensificado devido às intensas crises nos planos econômico, político e mesmo no pensamento eclesiástico, induzindo a aversão ao pecado, ao temor das práticas diabólicas e das influências malignas presente no mundo.

A partir do momento em que o medo e o desespero se tornaram sentimentos comuns no imaginário cristão, o Diabo e o Inferno tomaram proporções singulares no mundo medieval. Em uma sociedade sujeita a mudanças de pensamento, o discurso ideológico cristão explicava tudo que causava medo e incerteza como atos realizados por seres sobrenaturais. Diante dessas afirmações a Igreja tornou-se a imagem do poder mediante a cultura de afirmação do Diabo enquanto personificação do mal, impondo o medo e construindo também a imagem dos aliados a Satã, neste caso a bruxa, como personagem real e palpável, legitimando-se com o mecanismo educativo e doutrinador que apresentou à sociedade outros conceitos de como a maldade de Lúcifer poderia atingir diretamente o ser humano e a natureza. Os clérigos utilizaram-se da bruxaria como arma para reafirmar em profundidade a própria sociedade cristã, "a ameaça do inferno e do Diabo aterrador serviu como instrumento de controle social e de vigilância das consciências, incitando à transformação das condutas individuais" (MUCHEMBLED, 2001, p.36).

O *Malleus Maleficarum* não se trata de um documento imparcial. Na concepção medieval, a veracidade dos fatos ali relatados não poderia ser contestada. Ficou popularmente conhecido como o manual de jurisprudência utilizado como parâmetro de legitimar, reafirmar e deixar fácil e acessível os princípios inquisitórios. Nele estão claramente explicitadas como realizar os interrogatórios, todas as técnicas necessárias para a tortura e as penas punitivas, bem como a condenação capital daqueles que praticaram a heresia, que realizaram o pacto com o Diabo por meio da bruxaria. Nesse manual o discurso em torno da mulher como objeto de pecado, de ser inferior dada a "natureza feminina" e de estar propensa ao Mal devido sua fragilidade espiritual é enfatizado (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.112).

Trazendo à luz o discurso do *Malleus* e buscando compreender as motivações e influências dos autores na construção de um edifício discursivo tão

marcadamente inferiorizado da natureza, criação, existência e conduta feminina frente aos ideais cristãos defendidos nos Evangelhos, carece, ainda, a assimilação do discurso eclesiástico fundamentador no qual é afirmado o poder do homem e a subordinação da mulher. Esse discurso foi fortalecido durante toda a Idade Média e resultou na grande caça as bruxas.

Pensando assim, de forma coesa e coerente o *Malleus Maleficarum* pode ser considerado, para a época, uma inovação discursiva que ao desqualificar a figura feminina inspirou nessa sociedade os pensamentos no viés patrístico da Alta Idade Média para a Baixa Idade Média, sendo fomentado ao longo dos séculos e tornando até os dias de hoje um mecanismo em detrimento para a mulher e construtivo do poder supremo do homem. O dogma construído nascia em meio ao patriarcalismo característico do mundo judaico em que se insere não se devendo perder de vista as transformações em curso no mundo romano coetâneo, inclusive em relação às questões do corpo e do matrimônio (LE GOFF, 2006, p.47).

#### **4.1. Bruxaria no imaginário cristão**

A construção do pensamento na Idade Média foi o reflexo mais profundo de como um discurso ideológico atrelado a um processo histórico é capaz de mudar culturalmente seus agentes sociais e incutir novas concepções a partir de uma religião. As realidades sociais na Idade Média foram meticulosamente moldadas com a finalidade de que uma cultura fosse sobreposta à outra. O ideal imaginário que foi construído em relação à bruxaria na Europa Ocidental permanece presente até os dias atuais. A forma como os símbolos ligados à bruxaria se traduziram em oposição ao cristianismo tornou-se uma mescla cultural, legitimando diversas representações sociais imbuídas de significantes variáveis e, ao mesmo tempo, peculiares. (CHARTIER, 1987, p.16).

A Bruxaria, por sua vez, nesse contexto ideológico, foi estigmatizada ao longo dos séculos. A proclamação da fé cristã em sobreposição a todas as crenças e tradições foi capaz de inflamar toda uma sociedade com discursos preconceituosos que segregaram outras culturas, tornando-as pecaminosas. Taxar como herege todo aquele que fosse contrário às crenças católicas foi um dos discursos que tornou o papado soberano. Politicamente privilegiado, o cristianismo afirmava sua fé sobre os hereges, infiéis, bruxos e dissidentes, facilmente

identificáveis com a representação do mal presente no cristianismo: o Diabo e seus demônios. Culturalmente falando a luta de representatividade que aconteceu nesse contexto envolveu a depreciação das práticas religiosas ancestrais a partir de dois pilares: a estereotipação e o preconceito, que, em última instância, tornaram-se mecanismo de desqualificação das diversas identidades incluídas no processo (PORTELA, 2012, p.36).

No fim do século XIV, a Europa Ocidental estava totalmente ciente dos malefícios da bruxaria através dos vários ensinamentos que a Igreja propagava. Durante esse período, as principais características de uma bruxa era algo que boa parte da população cristã europeia conseguia identificar, segundo o *Malleus Maleficarum*, considerado por muitos como o manual de identificação da feiticeira. Nele foi relatado claramente como poderiam ser reconhecidos aqueles que praticavam bruxaria sobre quatro pilares essenciais:

- I. A bruxa era um indivíduo que praticava malefícios por meios sobrenaturais;
- II. Havia se entregado ao diabo agindo como sua serva;
- III. Voava a noite para realizar os malefícios e para se alimentar de crianças;
- IV. Reunia-se ciclicamente no *sabá* noturno, considerado uma imitação profana da santa missa cristã, para praticar canibalismo, orgias e adoração a Satã (COHN, 1997, p.193).

As feiticeiras possuíam como sua maior característica a sedução e o encanto. Uma vez que o homem era encantado, a bruxa mostrava todo o seu erotismo para praticar o mal e a vingança. Era atribuído como benefício da feitiçaria a cura dos males causados pelas paixões, dominados pelas forças maléficas (NOGUEIRA, 1991, p.27).

Inicialmente a Igreja medieval não perseguia a utilização de remédios naturais ou até as tentativas de previsão do tempo, desde que estas fossem realizadas com base em situações palpáveis. Contudo, se fossem sinalizadas como fruto de conhecimentos de origens ocultas, estas práticas certamente passavam a ser consideradas como suspeitas e condenadas pela Igreja, pois o discurso cristão dizia claramente que os efeitos naturais ou sobrenaturais só podiam emanar de duas fontes: Deus ou o Diabo (THOMAS, 1991, p.215).

As ações que fossem realizadas por fieis que seguissem as determinações, rituais e dogmas da Igreja como, por exemplo, o poder conferido à água benta e a cura realizada através da intercessão dos santos, eram consideradas e defendidas como atos cristãos. Havendo outra forma de explicar essas ações, o ato passava a ser considerado obra do Diabo, um pecado grave e indiscutivelmente condenável (THOMAS, 1991, p.215).

Considerando toda a cultura pagã como bruxaria, as práticas ancestrais tais como os cultos de fertilidade estavam por toda a Europa e culminou na prática de religiões ocultas. Diante da repressão infligida pelo cristianismo, essas crenças foram se tornando cada vez mais secretas e organizadas (DELUMEAU, 1996, p.371). Contudo o mundo medieval possuía suas peculiaridades, dentre elas as herdadas pelo paganismo, que converteu muitos rituais como folclóricos com o intuito de sobreviver às investidas do mundo cristão (DELUMEAU, 1996, p. 372).

Restrito aos ambientes rurais, o paganismo realizava sacrifícios e libações, o que, de acordo com os teólogos cristãos da Idade Média, era um sinal marcante da prática de feitiçaria. A convocação de deuses pagãos era considerada a convocação de demônios, servos de Satã (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.45-46). No século IX os círculos cristãos receberam o *Canon Episcopi*, escrito por Regino de Prüm como declaração oficial da Igreja sobre as questões ligadas à magia:

[...] algumas mulheres pecaminosas são pervertidas pelo Diabo e desencaminhadas por ilusões e fantasias induzidas por demônios, pelo que acreditam que cavalgam a noite em animais na companhia de Diana, a deusa pagã, e de uma horda de mulheres. Acreditam que no silêncio da noite percorrem distancias enormes. Dizem obedecer às ordens de Diana e, em certas noites, são convocadas para servi-la (RUSSEL *apud* ALEXANDER, 2008, p.61).

É importante salientar que as ações de uma feiticeira estavam ligadas ao campo do amor e do erotismo, considerando que o desejo da mulher e o seu talento natural seria essencialmente relacionado aos prazeres da carne e aos atos libidinosos, bem como o sobrenatural. Essas ações trouxeram para a Idade Média atividades que envolviam a fabricação de perfumes dentre outras coisas que ao serem utilizadas desencadeavam os feitiços lançados, sempre provocando o pecado, ofertando aos seus clientes a resolução de problemas amorosos, sua paixão e volúpia (NOGUEIRA, 1995, p.82).

Uma das principais características de uma bruxa era a sensualidade soturna, pois cegava, metaforicamente falando, o sexo oposto de forma a despertar no homem seus desejos mais impuros, fazendo com que eles cometessem pecados que, sem a intervenção da bruxaria, jamais seriam capazes de fazê-lo. A bruxa lidava com os desejos ignóbeis daqueles que a procuravam, projetando, desta maneira, suas ambições em seus fregueses (NOGUEIRA, 1995, p.84).

Outro aspecto relevante a ser considerado sobre como foi construído o discurso cristão em relação à bruxaria, foi a disseminação do conceito herético e de como a heresia podia ser praticada, deixando claro que a base para transformação da feitiçaria em bruxaria e conseqüentemente em heresia era a relação que foi dada ao pacto com o diabo como sendo o início de tudo. Toda vez que, por livre e espontânea vontade, uma feiticeira realizava um pacto com o Diabo, esta se convertia em bruxa. Ao realizar este ato de rendição ao culto de Satã, a bruxa também renunciava a Igreja e a Cristo, tornando esse ato a maior das heresias (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.65).

De acordo com Jean Delumeau (1996, p.350), para se validar em toda a Europa Ocidental a Igreja foi fortalecendo o discurso ideológico frente às projeções em relação ao sentimento de medo crescente, bem como todas as frustrações incompreendidas do homem medieval. A orientação cristã concentrava esse medo através dos demônios e das práticas de magia, transformando tudo que pudesse trazer insegurança ao poder que a fé havia conferido em atos de bruxaria liderados por Satã.

O estereótipo corrente da bruxaria no século XIV, conforme descrito no *Malleus Maleficarum*, foi forjado ao longo dos séculos diante de todas as proposições teológicas que enfatizavam a prática da magia baixa, denominada como *maleficium*, de caráter maligno, como o resultado do pacto diabólico e das missas negras ou encontros noturnos: o *sabá* (PORTELA, 2012, p.39).

Para a Igreja, a magia tinha sua culminância na realização do pacto com o Diabo e este ficaria estabelecido não como um contrato onde ambas as partes teriam suas obrigações bem definidas com certa relação de igualdade, mas, sim, uma relação selada como subserviência assemelhando-se ao sistema feudal, uma vez que acontecia a sujeição da *fidelitas* que a bruxa jurava ao diabo em cuja cerimônia lhe rendia *homagium*, como o vassalo a seu senhor (NOGUEIRA, 1995, p.32).

Para diversos teólogos da Igreja durante a Idade Média, quando se sujeitavam a realização do pacto iniciava a caminhada herética que se opunha firmemente aos princípios dogmáticos da fé. Ao fidelizar-se a bruxaria, as manifestações diabólicas resultavam nos crimes, na perversidade, no revelar de diversos conhecimentos ocultos e sobrenaturais (CARDINI, 1982, p.90). A magia apresentava muitas qualificações em relação as suas práticas, logo foi disseminado que os crimes medievais estavam relacionados aos malefícios, aos costumes nefandos e eram moralmente repreensíveis (NOGUEIRA, 1995, p.28).

O simbolismo em que estava envolvido a feitiçaria é bastante peculiar, tendo em vista que a bruxaria como prática oculta tinha seus rituais realizados em cavernas ou grutas e com essa ação representativa relacionado ao ventre materno as bruxas renasceriam (PORTELA, 2012, p.40)

Portela (2012, p.37) afirma que a bruxaria está intimamente ligada e pode ser considerada como a propulsora dos vícios da carne. No mundo medieval os conceitos em relação à sexualidade estavam relacionados ao pecado, disseminado pelo Diabo. Em outras palavras a bruxa que mantinha o pacto com o Diabo era utilizada por ele para espalhar os pecados da carne entre os cristãos. Os íncubos e súcubos visitavam durante a noite as bruxas que mantinham relações, em muitos casos na presença de seus cônjuges que naquele momento estavam encantados para que, quando acordassem, não se recordassem ou percebessem o que estava acontecendo em suas camas. Contudo as bruxas não faziam sexo apenas com os íncubos e súcubos, mas também com o próprio Diabo durante o *sabá*, prestando-lhes humilhantes homenagens como o beijo em suas nádegas, por exemplo. O ambiente onde acontecia o *sabá* era um terreno pecaminoso, posto que ali eram realizadas orgias, incestos e todo o tipo de depravação segundo as crenças cristãs medievais (PORTELA, 2012, p.42).

O encantamento de objetos materiais, tais como a vassoura, também era utilizado pelas feiticeiras e este ato foi algo tão marcante para a época que, mesmo hoje, é relacionado como símbolo característico da bruxa.

Os encontros com Satã no *sabá* satirizavam a santa missa, onde o príncipe das trevas representava um líder religioso (padre, bispo, papa) e celebrava o culto, ridicularizando, desta forma, os símbolos religiosos defendidos pela crença cristã. Segundo os inquisidores do *Malleus Maleficarum*, uma das atividades recorrentes nessas “missas negras” dizia respeito à profanação da hóstia e da cruz, onde os

participantes do culto pisavam e cuspiam nestes. De acordo com os inquisidores, o propósito deste ato era o de afirmar a abnegação da fé cristã, pois zombavam dos objetos representativos da fé cristã. O *sabá* também era marcado pela dança que, dentro das práticas, cumpria o objetivo de demonstrar o *frenesi* das bruxas ao servirem ao Diabo e seus representantes, afirmando ainda que tudo pertencia a eles: seu corpo, sua alma, seus filhos e por quem tudo faziam, cometendo os pecados mais atrozes. Ao servir o Diabo, a bruxa estava disposta a tudo, não era um ato de entrega parcial, mas total de corpo e alma (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.219).

#### 4.2. A mulher como instrumento do Diabo

Durante a primeira parte do *Malleus Maleficarum*, os inquisidores demonstraram de forma clara suas crenças acerca do poder da bruxaria e de como os demônios agiam através dessas feiticeiras. Kramer e Sprenger (2017, p.32) explicam que o efeito causado pelas bruxas não seria fruto da imaginação, mas algo real, passível de acontecer com qualquer pessoa que entrasse em seu caminho. Para eles, a bruxaria deveria ser severamente combatida e era das Sagradas Escrituras onde estes retiravam seus argumentos para derrotarem esses seres malignos e perversos que afligiam a humanidade e profanava o nome de Cristo:

[...] as leis divinas determinam, em muitas passagens, que as bruxas não só devem ser evitadas, mas também condenadas à morte, embora só devam receber essa punição extrema se tiverem de fato compactuado com o Diabo a fim de causar males e injustiças verdadeiros [...]. E no capítulo 18 do Deuteronomio fica estabelecido que todos os magos e feiticeiros devem ser destruídos. Da mesma forma, o capítulo 19 de Levítico diz: “Se alguma alma se dirigir aos magos e adivinhos para com eles fornicar, voltarei contra ele o meu rosto e a arrancarei do meio do meu povo”. E mais adiante [...]: “Todo homem e toda mulher que evocarem espíritos divinatórios ou pitônicos serão mortos, e serão apedrejados, e levarão a sua culpa”. Pitônicas são as pessoas em quem o Diabo opera coisas extraordinárias (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.32).

A figura da bruxa era temida por boa parte da população europeia medieval. Através do Diabo e seus demônios, essas feiticeiras executavam os mais atrozes males contra o cristão. Utilizando-se da sedução, as bruxas enfeitiçavam os homens, sejam estes solteiros ou casados, de família importante ou humilde, e

deixavam-nos impotentes, fazendo que estes se tornassem incapacitados de consumarem seus casamentos, resultando na anulação do matrimônio (KRAMER; SPRENGER, 2017, p. 33).

O temor às bruxas fez com que a figura feminina causasse medo, pois no mundo medieval a mulher foi caracterizada como o instrumento preferido do Diabo. Os discursos das ordens mendicantes popularizaram o pensamento a respeito de como a fraqueza da mulher em relação ao pecado e sua perversidade nata tornavam-na ligada diretamente com o Mal. Para os medievais a mulher deveria ser controlada, pois é um veículo das tentações do pecado:

É um fato que maior número de praticantes de bruxaria é encontrado no sexo feminino. Fútil é contradizê-lo: afirmamo-lo com respaldo na experiência real, no testemunho verbal de pessoas merecedoras de crédito. [...] existem três coisas na natureza - as Línguas, os Eclesiásticos e as Mulheres - que, seja na bondade, seja no vício, não conhecem moderação. [...] as mulheres são, por natureza, mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado; e quando se utilizam com correção dessa qualidade tornam-se virtuosíssimas, mas quando a utilizam para o mal tornam-se absolutamente malignas (KRAMER; SPRENGER, 2017, p. 93).

O medo em relação ao sexo feminino era a respeito da sexualidade que habitava dentro do corpo da mulher. O cristão perde-se essencialmente quando se deixa levar pelos pecados da carne, quando se deixa seduzir. O pecado estaria muito mais ligado à mulher do que ao homem:

Ela é mentirosa por natureza, assim, em sua fala ela nos atormenta enquanto nos delicia. Eis porque a sua voz é como o canto das sereias, as quais com sua doce melodia seduzem os viajantes e os matam. Pois ela mata-os esgotando as suas forças, consumindo a sua resistência e fá-los renegar a Deus. [...] E como diz São Bernardo: sua face é um vento incendiário e sua voz o sibilar das serpentes: mas elas também atiram perversos encantamentos sobre inúmeros homens e animais. Em conclusão, toda bruxaria provém da luxúria carnal, a qual na mulher é insaciável (KRAMER; SPRENGER, 2010, p.121).

Ao mesmo tempo em que a mulher e seu corpo são vistos como responsáveis pela luxúria e o pecado, é preferencialmente dentro do universo feminino que se estabelecem as práticas da magia. Em seu caráter ativo, refere-se à feiticeira em

sua tentativa de escape da realidade hostil às suas necessidades e prazeres. Em seu caráter passivo, remete-se à bruxaria e a confluência entre a existência da aliança com o Diabo e algumas mulheres.

Os malefícios causados pelas bruxas seriam obras de demônios que agem através destas. Kramer e Sprenger (2017, p.37) explicam que os efeitos da bruxaria não são irreais, mas que dependem do Diabo para se concretizarem. Segundo os inquisidores, era formada uma aliança através de um pacto entre a bruxa e Satã e só a partir disso aquela que se doava tornava-se sua serva e devota, usufruindo dos poderes de seu mestre para causar infortúnios ao ser humano. A bruxa, a partir desse momento, passava a ter uma relação de cooperação com os seres infernais:

[...] a bruxa passa a cooperar com o Diabo e a ele se une. Pois que aí reside toda a finalidade da bruxaria; se os malefícios são infligidos por mau-olhado, por fórmulas mágicas ou por algum outro encantamento, tudo se faz através do Diabo [...] (KRAMER; SPRENGER, 2017, p. 37).

Por ser a Idade Média um período de expansão e concretização do cristianismo, a Igreja precisava mostrar à população que Deus era superior a toda e qualquer espécie de divindade pagã, além de o único a dominar o Diabo. O *Malleus Maleficarum* aponta que Satã, movido pelo ódio e desprezo que nutriu pela raça humana, sem dúvidas a destruiria se Deus assim o permitisse, entretanto a divindade autorizava, pode-se assim dizer, que o príncipe das trevas realizasse malefícios de forma limitada com o intuito de manifestar a Sua glória, provando aos cristãos que o Diabo não passava de Seu servo e escravo (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.41). O *Malleus Maleficarum* deixa claro que toda obra demoníaca, seja ela por atos próprios ou através de bruxas, só é possível porque Deus permite que assim seja, caso contrário, sem a permissão divina, os demônios não conseguiriam infligir o mal ao ser humano.

Segundo Kramer e Sprenger (2017, p.44), seria necessário o contato físico entre dois seres para a execução de um malefício, entretanto, por o Diabo fazer parte do plano espiritual, se fazia necessário a utilização de um instrumento que concretizasse tal ato em seu nome. Por este motivo, Satã tinha a necessidade de utilizar as bruxas como instrumento em seu benefício, outorgando-lhes poderes para que agissem em seu nome:

[...] para que o ato de alguém tenha efeito sobre outrem deve haver alguma espécie de contato, e como o Diabo, por ser espírito, não pode ter essa espécie de contato com o corpo humano, pois nada há de comum entre ambos, passa a utilizar-se de outros seres humanos como instrumentos, outorgando-lhes o poder de causar o mal através do contato corporal (KRAMES; SPRENGER, 2017, p.44).

Para os inquisidores, as bruxas eram seres de natureza maligna, capazes de causarem o mal à humanidade simplesmente por se regozijarem com a infelicidade alheia. Seres invejosos, sem caráter e sem honra, as bruxas eram assim chamadas pela escuridão de sua culpa, tornando seus atos mais malignos que de qualquer outro malfeitor do período. As bruxas, com o auxílio do Diabo, eram capazes de causar terríveis desastres naturais além de enfeitiçarem a mente dos homens deixando-os loucos, levando-os ao ódio insano e à devassidão desregrada, utilizando-se da “força terrível de suas palavras mágicas, como por um gole de veneno, [para] destruir a vida” (KRAMES; SPRENGER, 2017, p.47).

O *Malleus Maleficarum* deixa claro que a bruxaria é diferente das demais heresias, pois as feiticeiras não fazem apenas um pacto oculto com o Maligno, mas um pacto explícito e perfeitamente definido que ultraja o Criador e objetiva profaná-lo e atingir Sua criação. Para os inquisidores, a bruxaria possuía uma natureza diferente de todas as outras artes maléficas, pois era, de todas as superstições, a mais vil e hedionda, representando a prática do mal e a blasfêmia contra a verdadeira fé (KRAMES; SPRENGER, 2017. p.56-57).

Para tornar-se uma bruxa e agir em nome do Diabo era necessário

Em primeiro lugar [...], do modo mais profano, renunciar à Fé Católica, ou negar de qualquer maneira certos dogmas da fé; em segundo lugar é preciso dedicar-se de corpo e alma à prática do mal; em terceiro lugar, há de ofertar-se crianças não batizadas a Satã; em quarto, é necessário entregar-se a toda sorte de atos carnis com íncubos e súcubos e a toda sorte de prazeres obscenos (KRAMES; SPRENGER, 2017, p.57).

A maldade da bruxa não tinha limites, a feiticeira não só impossibilitava alguns homens de praticar o ato sexual como impedia, também, algumas mulheres de conceberem, em alguns casos a mulher até chegava a engravidar, mas sofria um aborto “espontâneo” logo em seguida. Isso mostra que a bruxa, agindo em aliança

com o Diabo, visava destruir a família, base das crenças cristãs e alvo de destruição de Satã (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.131).

O pacto entre Lúcifer e as bruxas rendiam-lhes poderes para realizar os crimes mais hediondos, além de se vingarem de todos que, de alguma forma, lhes tenham ofendido. Pensando por essa vertente e compreendendo que o Diabo cedia às feiticeiras engenhos reais, o questionamento que se pode levantar seria o porquê de as bruxas não se tornarem ricas. A resposta, de acordo com os inquisidores, é que o Diabo gostava de mostrar seu desprezo por Deus ao expor que acabava comprando essas mulheres pelo mais baixo preço e, além disso, para que não houvesse evidências concretas de tal associação (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.167).

Fica perceptível durante toda a primeira parte do *Malleus Maleficarum* o quanto o Diabo desprezava a raça humana. Entretanto Satã, mestre a enganação e senhor das artes ocultas, buscou uma forma de ridicularizar o nome de Deus utilizando um ser real, físico e visível, fruto da criação divina, mas de natureza má, promíscua e ambiciosa. O golpe do Diabo foi utilizar a criação imperfeita, criada a partir de uma costela recurva e, portanto, mais sensível às tentações demoníacas. Iniciando-se com Eva, a primeira mulher, a que foi moldada da costela recurva de Adão e deu origem a todas as demais, Satã viu o potencial feminino para a perdição da humanidade. As mulheres se tornaram objeto preferido para seu uso. Movidas pelo ódio e inveja, as bruxas, suas servas, eram seu instrumento para propagar o mal, a miséria, doenças e profanar a imagem de Deus. As bruxas eram seu meio para devastar a raça humana:

[...] As bruxas depravavam-se através do pecado, logo, a causa de sua depravação não há de residir no Diabo e sim na vontade humana [...]: o pecado do homem provém do livre-arbítrio. Mas o Diabo não é capaz de destruir o livre-arbítrio [...], portanto, não reside no Diabo a causa desse ou de qualquer outro pecado (KRAMER; SPRENGER, 2017, p.74).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi realizar uma análise abrangente que permitisse uma avaliação diversificada sobre as crenças e superstições do imaginário cristão da Baixa Idade Média acerca da temática da bruxaria, de forma a perceber como a bruxa era apresentada como instrumento do Diabo no *Malleus Maleficarum*.

A estrutura da análise se deu em três passos, iniciando-se no primeiro capítulo que visou destacar o contexto social e político vigentes do período, servindo como base para a compreensão das principais ideologias vigentes acerca do feminino e as regras de condutas que a população deveria seguir. Ainda no primeiro capítulo, foi mostrado o poder da Igreja Católica, sendo ele político e social e a forma como a instituição intervia diretamente na vida e no cotidiano da população medieval.

O segundo capítulo do trabalho buscou destacar o surgimento e evolução da figura do Diabo e seus demônios, mostrando que, inicialmente, o personagem não transmitia medo por este viver no plano espiritual, entretanto, com o aumento das seitas heréticas e visando não perder o poder político, a Igreja precisou mudar seu discurso e passou a defender a tese de que Satã era causador dos males recorrentes do período e que poderia infligir o mal diretamente ao ser humano.

No último momento foi realizada a análise do *Malleus Maleficarum*, apontando os pontos principais que mostravam a forma com a qual a bruxa foi utilizada como instrumento do Diabo, além de expor a maldade nata da feiticeira que se doava de corpo e alma a Satã para realizar vinganças pessoais e infligir malefícios à humanidade em nome de seu mestre. Na obra, os inquisidores apontaram que a mulher era objeto preferido de Satã por serem mais sensíveis às tentações demoníacas, portanto Kramer e Sprenger, inquisidores do século XV e autores da obra, apresentaram durante toda a primeira parte do *Malleus Maleficarum* uma bruxa má, infiel, que se regozijava com a desgraça alheia e pretendia destruir a família cristã, sendo por meio da sedução e causando impotência aos homens, ou interrompendo a gravidez de suas esposas, tornando-se, assim, um perfeito instrumento em posse do Diabo para, além disso, provar ao Deus Todo Poderoso que sua própria criação se voltava contra o Criador, se corrompendo e cooperando com o Príncipe das Trevas para destruir a humanidade.

O levantamento bibliográfico foi muito importante para contextualizar e compreender a ideologia do período. A sociedade medieval era supersticiosa e atribuía às forças sobrenaturais os desastres e surtos de doenças que ocorriam em seu meio. O surgimento da figura da bruxa como instrumento do Diabo acabou justificando certos acontecimentos ainda incompreensíveis para o período. Uma vez que o objeto do medo, a partir desse momento, ganhou forma na figura da feiticeira, os malefícios sofridos pelos cristãos passaram a ser algo real, palpável e visível a todo aquele que pudesse ver.

A bruxa enquanto ser sobrenatural e ferramenta do Diabo causava pânico coletivo na população europeia do século XV, executando todo o tipo de maldade em nome daquele que se tornou seu senhor. O Diabo, para os inquisidores do *Malleus*, sentia um desejo profundo de destruir a humanidade por esta ser obra do Deus Todo Poderoso, mas ao mesmo tempo queria mostrar desprezo ao Criador comprovando que sua própria criação poderia ser corrompida e, para isso, utilizava-se das bruxas como meio para tal destruição, uma vez que estas eram apresentadas na obra como seres intelectualmente inferiores, mais propensas aos prazeres carnis, invejosas e naturalmente más, tornando-se, assim, instrumentos perfeitos e preferidos de Satã para agirem em seu nome e causarem danos irreparáveis à sociedade que se permanecia fiel à Jesus Cristo.

## 6 REFERÊNCIAS

### 6.1. Fonte

KRAEMER, Heinrich. SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

### 6.2. Estudos modernos

ATIENZA, Juan Garcia. **Os santos pagãos**: deuses ontem, santos hoje. São Paulo: Ícone, 1995.

BÍBLIA, A. Êxodo. In: BÍBLIA. Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1992.

BÍBLIA, A. Salmos. In: BÍBLIA. Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1992.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: 70, 2009.

BOUREAU, Alain. **Satã herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Unicamp, 2016.

CALAINHO, Daniela Buono. **História medieval do Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, v. 3, n. 24, 2011, p.18. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1598/955>. Acesso em: 12 set. 2017.

COHN, Norman. **Los demonios familiares de Europa**. Barcelona: 1997.

DE PLANCY, Collin. **Dicionário Infernal**. Lisboa: Cavalo de Ferro, 1969

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres**: damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DUBY, Georges (org.). **História da vida privada**, 2: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FIGUEIRA, Divalte Garci. **Direito Medieval e História**. São Paulo: Ática, 2007.

FRANCO, Hilário Jr. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KLAPISCH-ZUBER, Chistiane. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. II, Bauru: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol. 1. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol. 2. Lisboa: Estampa, 1983.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. A recusa do prazer. In: DUBY, Georges (org.). **Amor e sexualidade no Ocidente**. Porto Alegre: L&PM, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Lisboa: Teorema, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Diabo. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2006.

MACEDO, José Rivair. Representações e modelos femininos. In: MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. **Representações diabolizadas da mulher em textos medievais**. Disponível em: [http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico\\_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/Representacoes\\_Diabolizadas\\_da\\_Mulher\\_em\\_Tempos\\_Medievais.pdf](http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/Representacoes_Diabolizadas_da_Mulher_em_Tempos_Medievais.pdf). Acesso em: 16 fev. 2016.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo**: séculos XII-XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PALOU, Jean. **A feitiçaria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PERNOUD, Régine. **Idade Média**: o que não nos contaram. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELA, Ludmila Noeme Santos. **O *Malleus Maleficarum* e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV**. 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em:  
[http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_4762\\_LUDMILA%20PORTELA.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4762_LUDMILA%20PORTELA.pdf).  
Acesso em: 16 jan. 2020.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Armênia Maria. **A Sociedade Medieval no estado e pranto da Igreja de Álvaro Pais, Bispo de Silves (1270-1349)**. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SOUZA\\_\\_Arm\\_nia\\_Maria\\_de.\\_1999.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SOUZA__Arm_nia_Maria_de._1999.pdf).  
Acesso em: 16 jan. 2020.

THOMÉ, L. M. S. **Da ortodoxia à heresia: os valdenses**. (1170-1215). Dissertação (Mestrado em História). UFPR, Curitiba, 2004.

VEYNE, Paul. Uma obra prima: o cristianismo. In:\_\_\_\_\_. **Quando o nosso mundo se tornou cristão (312-394)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 35-79.

VIANA, Geysa Novais. **As bruxas no *Malleus Maleficarum*: caracteres, práticas e poderes demoníacos**. 2010. Disponível em:  
[http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/G/Geysa\\_Novais\\_Viana.pdf](http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/G/Geysa_Novais_Viana.pdf). Acesso em: 03 abr. 2017.